

CRUZ E SOUSA

A 24 de novembro de 1861, nasce, na antiga cidade do Deserto – atual Florianópolis –, em Santa Catarina, em dependência da chácara da família Gama Rosa, no Largo da Maçonaria, João da Cruz e Sousa, que viria a falecer em 19 de março de 1898, em Sítio, Minas Gerais. Foram seus pais o mestre pedreiro Guilherme da Cruz e a lavadeira Carolina Eva da Conceição, negros, escravos alforriados – ela primeiro que o marido – pelo então coronel Guilherme Xavier de Sousa, de quem o menino João da Cruz receberia, como de costume na sociedade escravocrata brasileira, sobrenome e proteção, consubstanciada no apadrinhamento e na educação formal enquanto, paralelamente, os pais continuavam vivendo no porão da casa senhorial.

O nome – João da Cruz – deveu-se ao seu nascimento no dia da festa do santo católico homônimo, também poeta, místico barroco da “noite escura”.

Acolhido no solar senhorial, o menino, nascido de ex-escravos, insere-se numa espécie de entre-lugar social: o de filho de criação ou afilhado, que, não representando, entretanto, igualdade, em relação aos brancos, todavia o destacava, sem dúvida, dentre os demais meninos negros, numa espécie de arbítrio ou concessão benevolente, voluntarista, individual, feita pelos seus padrinhos e antigos senhores de seus pais.

O futuro poeta revela-se um talento precoce, de que é exemplo o fato de, aos 8 anos, declamar versos de sua autoria, homenageando

o retorno do coronel Xavier de Sousa da Guerra do Paraguai e sua promoção a marechal.

Na condição de bolsista, cursa o Ateneu Provincial Catari-nense, estabelecimento educacional frequentado pelos filhos das camadas hegemônicas do Desterro, no período de 1871 a 1875. Estuda ciências naturais com o naturalista alemão Fritz Müller – amigo, correspondente e colaborador de Darwin e Haeckel. Aluno brilhante, destaca-se em matemática e línguas (francês, inglês, latim, grego).

Leitor sofisticado – de Baudelaire, Leconte de Lisle, Leopardi, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, entre outros autores europeus de seu tempo –, elegante de maneiras, apurado no traje, o racismo confinará Cruz e Sousa, não obstante o elevado nível cultural de sua formação escolar brilhante, ao desempenho de funções bastante aquém de seu efetivo potencial, para manter-se. Ministra aulas noturnas em sua casa; dá lições particulares em domicílio, de dia.

Em 1881, viaja pela primeira vez pelo Brasil, indo desde Porto Alegre até São Luís, como ponto e secretário da Companhia Dramática Julieta dos Santos, uma atriz mirim. Afasta-se, desse modo, da franca hostilidade da qual se via cercado e, ao mesmo tempo, adquire uma visão mais abrangente a respeito das condições em que eram mantidos os negros nos anos finais do escravismo.

Em 1884, Cruz e Sousa é nomeado pelo presidente da província de Santa Catarina, Francisco Luís da Gama Rosa, para cargo mais condizente com suas qualificações, o de promotor da cidade de Laguna. É, porém, impedido de tomar posse no cargo, pois sua nomeação fora impugnada por políticos locais, opositores.

Viaja, novamente, então, pelo país, engaja-se na campanha abolicionista e, na Bahia, é recepcionado por uma comissão: a convite de sociedades dedicadas à causa, como a Libertadora Baiana e a Luiz Gama, o escritor profere um discurso, tendo sido transcrito em jornal local um poema seu, em homenagem

a Castro Alves, o poeta romântico baiano autor de, entre outros poemas abolicionistas de matiz condoreira, "O navio negreiro".

Em 1888, parte para a capital do império, onde, todavia, não conseguirá uma colocação. Retorna, no ano seguinte, à sua cidade natal. Durante esta permanência no Rio de Janeiro, no entanto, é assinada a Lei Áurea. Escreve, a propósito, o soneto "A pátria livre", que manteve inédito durante toda a sua vida.

Com a ajuda de Emiliano Perneta, obtém, finalmente, emprego na cidade, onde se instala no ano seguinte. Colabora, então, em diversas revistas e jornais e adere ao Movimento Decadista (como então era chamado o simbolismo, pejorativamente, pelos parnasianos). De 1893 a 1898, exercerá Cruz e Sousa vários cargos, todos modestos na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Casa-se em 1893. Gavita Rosa Gonçalves, sua esposa, também é negra. O casal terá quatro filhos, o último dos quais, póstumo, João da Cruz e Sousa Junior, nasce a 30 de agosto de 1898. A família sofre sérias dificuldades financeiras, bem como problemas de saúde. Gavita é acometida de distúrbio mental após o nascimento do segundo filho do casal, Guilherme.

Em 1897, o escritor confia seu espólio literário ao amigo Nestor Vitor.

Em consequência das condições de trabalho na EFCB (como se lê em requerimento feito pela sogra do escritor, solicitando ao Estado pensão para a prole, duplamente órfã após o falecimento de Gavita), contrai a tuberculose que o matará e a vários dos seus familiares.

Seu enterro, realizado no cemitério carioca de São Francisco Xavier, é custeado por José do Patrocínio e por uma lista de contribuições, devido à absoluta falta de condições financeiras da família: o corpo do grande poeta simbolista brasileiro fora trasladado de Minas Gerais para ser sepultado no Rio de Janeiro num vagão destinado ao transporte de animais...

Cruz e Sousa insere-se na vida literária e cultural catarinense aos 20 anos, fundando, com Virgílio Várzea e Santos Losada, o jornal semanal *Colombo*, periódico crítico e literário ainda de

viés parnasiano. Participa do grupo Ideia Nova e, em 1885, publica, também com Virgílio, o livro *Tropos e fantasias*, custeado pelo coautor. Dirige o jornal ilustrado *O Moleque*, contundente e crítico e, por isso mesmo, francamente discriminado pelos círculos sociais locais. Colabora no jornal republicano e abolicionista *Tribuna Popular*, considerado a mais notável folha literária catarinense do período. Em sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, em demanda de ambiente socialmente menos racista e literariamente mais aberto, fora Cruz e Sousa recebido pelo amigo e poeta Oscar Rosas e conhecera o também poeta catarinense Luís Delfino, bem como aquele que – igualmente poeta – se tornará seu grande amigo e divulgador de sua obra literária, Nestor Vitor.

Por esta época, faz muitas e díspares leituras literárias, aprimorando-se, como autodidata, em seu ofício de escritor: Poe, Huysmans, Flaubert, Maupassant, os irmãos Goncourt, Theophile Gautier, Gonçalves Crespo, Cesário Verde, Teófilo Dias, Ezequiel Freire, B. Lopes, Verlaine, Villeirs de l'Isle Adam vêm somar-se ao elenco de escritores, já anteriormente referido, cujas obras o poeta frequenta.

Cruz e Sousa colabora em magazines (como a *Revista Ilustrada*, *Novidades*) e jornais cariocas (como *A Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, e *O Tempo*), publica artigos-manifestos do simbolismo (na *Folha Popular*, principal órgão de divulgação do movimento e também em *O Tempo*). Convive intelectualmente com Pompeia e Bilac, por intermédio de Oscar Rosas. Trava amizade com o grupo de escritores que constituirá o núcleo simbolista por ele liderado. 1893 será um ano particularmente fecundo em sua bibliografia, com o lançamento de seus livros *Missal* (poemas em prosa), em fevereiro, e *Broquéis* (poemas), em agosto. Em 1895 era tal o destaque do poeta nos meios simbolistas que Alphonsus de Guimaraens vem das Minas Gerais ao Rio de Janeiro especialmente para conhecê-lo.

Entre suas obras póstumas figuram *Evocações* (livro que havia deixado pronto e inédito), publicado em 1898; *Faróis* (coletânea

organizada pelo amigo Nestor Vitor, depositário de seu espólio literário), lançado em 1900; *Últimos sonetos*, em 1905. Em 1923, é publicada a primeira edição de sua *Obra completa*.

Fundador e um dos principais nomes do simbolismo no Brasil, João da Cruz e Sousa foi, em seu tempo, personalidade de exceção.

Em plena vigência das políticas públicas de branqueamento no país, entre a abolição gradual da escravidão, o final do Império e os primeiros anos da República, o poeta afrodescendente é vítima, ao longo de sua curta existência, de vários episódios racistas, pelo fato de haver lutado, penosamente, para ascender socialmente a partir da condição de descendente direto de escravos alforriados e de ter ousado produzir, numa literatura excludente de autores negros, uma obra esteticamente inovadora e de qualidade. Teve Cruz e Sousa formação naturalista, em seus tempos de Liceu, voltando-se, entretanto, posteriormente, para o simbolismo, que viria a introduzir na literatura brasileira.

Affonso Romano de Sant'Anna, em "Aquele poeta negro", afirma que

uma maneira de ler Cruz e Sousa hoje é ler não apenas o que está escrito nos seus livros e por seus críticos, mas ler o que está escrito na voz e na pele de seus descendentes: a pele, o corpo, o rosto são um texto. São maneiras de reeditar o outro. Mais do que um pergaminho são um palimpsesto: cada descendente é uma nova versão escrita sobre a versão anterior, que foi apagada.¹

Com efeito, o escritor, cuja obra emerge de recente releitura afro-brasileira, é profundamente diferente daquele que a literatura brasileira canônica havia consagrado postumamente e que o poder, inclusive o literário, em vida marginalizara, discriminara e excluía.

Nascido e crescido em meio dominado pelo racismo, extremamente adverso ao negro, numa província do Sul do país para onde se dirigiram levas de imigrantes europeus brancos, como

Santa Catarina – que se considerava uma pequenina Europa progressista, encravada no Brasil e racialmente superior, conforme a ideologia hegemônica à época, o próprio coração do projeto imigrantista do final do século XIX visando ao branqueamento científico do país –, Cruz e Sousa defrontou-se, ao longo de sua curta existência, com toda sorte de obstáculos, sentindo-se emparedado de diversas formas.

Quando as camadas hegemônicas brancas consideravam os negros como seres inferiores, incapacitados intelectualmente e um entrave ao progresso da nação, o menino João da Cruz destacou-se de seus pares na escola. Adulto, adentrou um território simbólico, como o da poesia – e poesia simbolista –, que pressupunha nível cultural e sofisticação intelectual negados aos negros pelo racismo.

Desmentido vivo das teses em voga, que votavam ex-escravos e seus descendentes à extinção gradual através da miscigenação branqueadora, Cruz e Sousa casou-se com uma negra, bela, educada, elegante, constituindo ambos uma prole que conservou até hoje, em meio a vicissitudes de vária natureza, não apenas a memória individual do antepassado consagrado, mas também a identidade e a autoestima étnicas.

Contemporâneo de episódios marcantes da história brasileira (como a Guerra de Canudos) que vitimavam segmentos das camadas populares, o poeta sobrepôs-se, individualmente, à hostilidade de um contexto urbano que, sobre desqualificar culturalmente o negro, também o excluía das habilitações profissionais socialmente valorizadas, visando, assim, a invisibilizá-lo para a sociedade hegemônica branca. Não prestando reconhecimento à sua contribuição intelectual, este dispositivo de negação da alteridade do negro visava a transformar em afro-brasileiros intelectual e ideologicamente brancos, numa outra forma de branqueamento, cultural, aqueles que, excepcionalmente, conseguissem, individualmente, sobrepujar toda a sorte de obstáculos à sua ascensão social e à sua inclusão no mundo reservado aos brancos.

O recalque desta presença histórica do negro em Santa Catarina (inclusive no Desterro) se deu também através de pressões migratórias – sofridas pelo mesmo Cruz e Sousa, que se muda para o Rio de Janeiro aparentemente em demanda apenas de meio literário mais cosmopolita que o da cidade natal mas, em verdade, fugindo também à hostilidade racista. A representação social do bem tratado “negrinho de criação” da família branca senhorial, com a qual o mito da democracia racial brasileira disfarçou, sob a capa da benevolência individual, atitudes de dominação de uma sociedade escravista e racista, prolongou-se em vários episódios da vida do escritor.

Malgrado o naturalista alemão Fritz Müller elogiar-lhe a inteligência que o destacava entre os colegas de turma e considerá-lo, por isso mesmo, prova de que suas teses contra-hegemônicas, antirracistas, estavam certas, Cruz e Sousa não conseguirá, por exemplo, tomar posse como promotor – cargo que lhe teria propiciado melhor condição de sobrevivência do que o de praticante e de arquivista da EFCB. O jornal ilustrado *O Moleque*, que dirigiu, foi discriminado nos círculos sociais provincianos.

No Rio de Janeiro, ao adentrar a Confeitaria Colombo, reduto elitista da vida literária da época, é saudado pelos escritores que já se encontravam no local com um “entra ó Cruz e Sousa, ó grande poeta”, espécie de senha, mais mensagem de brancos para brancos que, propriamente, saudação de pares ao escritor negro, visando a poupar um ser excepcional de situações usualmente excludentes e constrangedoras.

Há, pois, um primeiro Cruz e Sousa, jovem formado sob a égide das teorias evolucionistas, desejoso de adentrar o Parnaso, seduzido pela beleza das formas poéticas. A ele irá seguir-se um militante abolicionista, jornalista que buscará na dicção condoreira, à Castro Alves, o tom para seus poemas e discursos em favor da causa. A ambos sucede um poeta maduro, precocemente finado, que, duplamente excluído – como negro numa sociedade vivendo o auge das teorias racistas e como simbolista, em meio

literário refratário a esta estética —, deixa fortemente explícita, em sua obra literária, sua recusa do sentimentalismo paternalista branco e sua afirmação de escritor inovador.

Enquanto atividade artística de alta voltagem literária, sua produção constitui um longo e continuado ato de resistência à inferiorização do negro pela sociedade racista, bem como sua desconstrução dos estereótipos que opunham, negativamente, africanos e afrodescendentes a europeus. Compõe-lhe também a obra, além dos livros já mencionados, o pouco conhecido livro de estreia, de 1883, intitulado *Julietta dos Santos*, em homenagem à atriz mirim em cuja companhia dramática trabalhara.

A edição mais completa do conjunto de obra de Cruz e Sousa é a da Editora José Aguilar, que inclui ainda o *Livro derradeiro* (poesia), *Outras evocações*, *Dispersos* (prosa). Em 1995, foi esta edição atualizada pelo poeta Alexei Bueno, para a Editora Nova Aguilar, que a sucedeu. Cruz e Sousa deixou inéditos os livros *Cambiantes* e *Campesinos*.

OBRAS

POESIA

Tropos e fantasias. (com Virgílio Várzea). Desterro: Tipografia da Regeneração, 1885.

Missal. Rio de Janeiro: Magalhães & Cia., 1893.

Broquéis. Rio de Janeiro: Magalhães & Cia., 1893.

Evocações. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1898.

Faróis. Rio de Janeiro: Tipografia Instituto Profissional, 1900.

Últimos sonetos. Paris: Aillaud & Cia., 1905.

Obras completas. I Poesias: *Broquéis*, *Faróis*, *Últimos sonetos*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1923. II Prosa: *Missal*, *Evocações*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924.

Obras. Versos: *Broquéis*, *Faróis*, *Últimos sonetos*, *Poemas avulsos*. São Paulo: Edições Cultura, 1943. t. I. Prosa: *Missal*, *Evocações*. São Paulo: Edições Cultura, 1943. t. II.

Poesias completas. Rio de Janeiro: Editora Zélio Valverde, 1944.

Obras poéticas. I *Broquéis e Faróis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. II *Últimos sonetos e Inéditos e dispersos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.

Sonetos da noite. Seleção de Silveira de Souza. Florianópolis: Edições do Livro de Arte, 1958.

Obra completa. Organização, introdução, notas, cronologia e bibliografia por Andrade Muricy. Edição comemorativa do Centenário. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.

Poesia completa. Introdução de Maria Helena Camargo Régis. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

Evocações. Edição fac-similar, apresentação de Esperidião Amin Helou Filho. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.

Cruz e Sousa, poesia completa. Introdução e organização de Zahidé L. Muzart. 12. ed. Florianópolis: FCC; FBB, 1993.

Poemas inéditos. Organização de Uelinton Farias. Florianópolis: Papa-Livro, 1996.

Obra completa. Organização de Andrade Muricy. Atualização Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

Dispersos – poesia e prosa. Organização de Iaponam Soares e Zilma Gesser. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

Formas e coloridos. Florianópolis: Papa-Livro, 2000.

Poesia interminável. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.

Últimos sonetos [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.

TEATRO

Macário (Reccurci do drama de Álvares de Azevedo). Colaboração de Virgílio Várzea. Desterro, 1875.

Julieta dos Santos: homenagem ao gênio dramático brasileiro. Colaboração de Virgílio Várzea e Santos Losada. Desterro: Tipografia Comercial, 1883.

Calemburg e trocadilhos. Colaboração de Moreira de Vasconcelos. São Luís do Maranhão, 1884.

NÃO FICÇÃO

Cartas de Cruz e Sousa. Organização de Zahidé L. Muzart.
Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1993.

EXCERTOS

EMPAREDADO

Ah! Noite! Feiticeira Noite! Ó Noite misericordiosa, coroadada no trono das Constelações pela tiara de prata e diamantes do Luar, Tu, que ressuscitas dos sepulcros solenes do Passado tantas Esperanças, tantas Ilusões, tantas e tamanhas Saudades, ó Noite! Melancólica! Soturna! Voz triste, recordativamente triste, de tudo o que está morto, acabado, perdido nas correntes eternas dos abismos bramantes do Nada, ó Noite meditativa! Fecunda-me, penetra-me dos fluidos magnéticos do grande Sonho das tuas Solidões panteístas e assinaladas, dá-me as tuas brumas paradisíacas, dá-me os teus cismares de Monja, dá-me as tuas asas reveladoras, dá-me as tuas auréolas tenebrosas, a eloquência de ouro das tuas Estrelas, a profundidade misteriosa dos teus sugestionadores fantasmas, todos os surdos soluços que rugem e rasgam o majestoso Mediterrâneo dos teus evocativos e pacificadores Silêncios!

Uma tristeza fina e incoercível errava nos tons violáceos vivos daquele fim suntuoso de tarde aceso ainda nos vermelhos sanguíneos, cuja cor cantava-me nos olhos, quente, inflamada, na linha longe dos horizontes em largas faixas rutilantes.

O fulvo e voluptuoso Rajá celeste derramara além os fugitivos esplendores da sua magnificência astral e rendilhara d'alto e de leve as nuvens da delicadeza arquitetural, decorativa, dos estilos manuelinos.

Mas as ardentes formas da luz pouco a pouco quebravam-se, velavam-se e os tons violáceos vivos, destacados, mais agora flagrantemente crepusculavam a tarde, que expirava anelante, num anseio indefinido, vago, dolorido, de inquieta aspiração e de inquieto sonho...